



IGREJA EVANGÉLICA DA PAZ

Rua Silva Jardim, 503 Macuco – Santos – SP
Cep 11015-021 – Telefone 0**13 3232-4337
www.iepaz.org.br – WhatsApp 13-98126-0055
e-mail: iepaz@terra.com.br

CURSO DE APERFEIÇOAMENTO DE OBREIROS

PALESTRAS APOLOGÉTICAS

2º Semestre de 2018

Louvor e Adoração

Prof. Lucas Rinaldi

“E Jesus, respondendo-lhes, começou a dizer: Olhai que ninguém vos engane” (Mc.13.5).

LOUVOR E ADORAÇÃO

INTRODUÇÃO

Esta reflexão sobre louvor e adoração foi extraída do livro *Erros que os Adoradores Devem Evitar*, do Pr. Ciro Sanches Zibordi, que analisa a partir da Bíblia os estilos musicais, dança, coreografia e letra das canções da atualidade. O estudo é dirigido a todos que prezam a verdadeira adoração, em espírito e em verdade, e não se conformam com as más inovações do mundo gospel, resultantes da secularização do culto a Deus.

O QUE SIGNIFICA LOUVAR A DEUS?

Louvar denota reconhecer as virtudes autênticas de alguém. Louvar é uma homenagem, mas as pessoas só são homenageadas quando fazem alguma coisa louvável. Além da homenagem ser justa e coerente por parte do seu prestador, o próprio homenageado precisa saber a razão de recebê-la. Louvar a Deus denota mostrar ao Senhor por que o enaltecemos, reconhecendo Seus atos poderosos.

O QUE É ADORAÇÃO COM ESTILO?

Apesar dos adoradores-astros dizerem que adoração é um estilo de vida, eles adotam, na verdade, diversos comportamentos, manifestações e ritmos ligados a estilos como *rock*, *reggae*, *heavy metal*, *funk*, *samba*, *forró*, *axé* e... *gospel*. Eles se valem do argumento infundado de que o Diabo nunca criou nada, e que ele teria roubado de Deus todos os estilos musicais. Mas não é o Inimigo de nossas almas um ser criativo, capaz de inspirar os filhos da desobediência (Ef. 2.1-3) a produzirem músicas que sirvam a seus malévolos propósitos?

Não são as notas musicais como as letras do alfabeto? Com as mesmas letras do abecedário, os cristãos louvam a Deus e os satanistas homenageiam o Diabo! Nesse caso, é lógico que com as mesmas letras do alfabeto e notas musicais, é possível compor para louvar ao Senhor Jesus ou não. Ou será que estilos erotizantes, como *funk*, *forró* e *axé*, podem ser considerados apropriados para louvar a Deus, só porque numa composição se empregam letras aparentemente cristãs?

Discorrerei sobre a origem e as características de alguns estilos musicais, dando maior destaque ao *rock*, visto que dele derivam muitos outros estilos. O meu objetivo é fornecer uma visão geral a respeito do assunto, a fim de que seja possível confrontar as informações aqui apresentadas com o que está escrito em Filipenses 4.8: "*Quanto ao mais, irmãos tudo o que é verdadeiro [...], tudo o que é puro [...], tudo o que é de boa fama [...] e se há algum louvor, nisso pensai*".

A razão por que prefiro o termo "estilo" a "ritmo" visa uma abordagem mais ampla do assunto. Afinal, enquanto "ritmo" restringe-se à música "estilo" está ligado à forma de expressão mediante palavras, música, arte e manifestações que identificam e caracterizam o feitio de determinados grupos e indivíduos. Ou seja, um estilo musical abarca um conjunto de tendências e características relativas à forma, conteúdo e estética de determinados segmentos da sociedade.

SEXO, DROGAS E ROCK AND ROLL

Ainda na revolucionária década de 1960, surgiram nos EUA os *hippies*, um estranho movimento composto de jovens rebeldes. As roupas rasgadas e sujas, os cabelos compridos e as gírias eram o seu cartão de visita. Eram amantes de uma vida dissoluta e usavam tóxicos. Pregavam a liberação sexual e promoviam festivais de *rock*.

Empresários mal intencionados, movidos por oportunismo e ganância, resolveram, à época, organizar grandes festivais ao ar livre, nos EUA e na Inglaterra, nos quais houvesse muito prazer e liberdade total para a juventude. As jovens que não quisessem se deixar violar corriam o risco de serem tratadas como "caretas". Além disso, as drogas eram oferecidas livremente entre os participantes.

O primeiro festival de grande porte foi realizado em Londres, Inglaterra, no Hyde Park, a 5 de julho de 1969, e teve como protagonista os Rolling Stones. O número de participantes desse concerto, marcado por violência, consumo de drogas e prostituição juvenil, foi estimado em 250 mil. Mas o maior festival da época foi o de Nova York, Estados Unidos, batizado de Woodstock Music & Art Fair, que recebeu mais de 500 mil pessoas, entre *hippies*, fãs e curiosos, e teve duração de três dias, de 15 a 18 de agosto de 1969. O ingresso custava dezoito dólares, mas a maioria do público derrubou as cercas e invadiu o vasto local.

Woodstock fez despertar ainda mais o sentimento de revolta que havia entre os jovens e criou problemas sérios. Após esse festival, muitos estavam verdadeiramente dispostos a ir à luta armada contra os EUA para conseguir a sua independência e a liberdade sexual. Eles queriam fundar uma nova nação! O grande incentivador desse projeto utópico foi Abbie Hoffman, que lançou o livro *Woodstock Nation*.

A utopia dos *woodstockmaníacos* levou-os a transformar um terreno abandonado da Universidade de Berkeley num parque público com jardins, *playgrounds*, fontes de água e concertos de rock. Ronald Reagan, governador da Califórnia, convocou a polícia e a guarda nacional para reprimir à força a invasão. Com paus e pedras, os jovens sonhadores enfrentaram as autoridades, mas perderam a guerra. Um estudante foi morto e o terreno transformado em estacionamento.

Depois de Woodstock, os festivais prosseguiram. Um deles, o de Altamont, reuniu cerca de 300 mil pessoas e foi considerado um pesadelo de drogas, sujeira, doenças e violência, deixando um saldo de quatro mortes. A cena mais dramática foi a de um jovem negro, que teria puxado um revólver perto do palco. Enquanto Mick Jagger cantava (vestido em uma malha preta com signos da Cabala e uma capa vermelha que ele dizia ser de Lúcifer), o jovem foi brutalmente esfaqueado e atingido com golpes de taco de bilhar. As cenas do assassinato foram gravadas, tornando-se um grande sucesso de bilheteria em 1970.

Muitos astros que se apresentaram em Hyde Park, Woodstock, Altamont e outros festivais tiveram mortes trágicas: Brian Jones (do Rolling Stones), afogou-se, em 1969, após embriagar-se e ingerir drogas. Alan Wilson (do Canned Heat), Janis Joplin e Jimi Hendrix morreram em 1970, vítimas de overdose. Tim Hardin, em 1980, e Bob Hite (do Canned Heat), em 1981, também morreram por uso exagerado de drogas. Felix Pappalardi (do Mountain), foi morto a tiros por sua esposa, em 1983.

Além disso, inúmeros adolescentes morreram por overdose ou assassinados durante os shows, enquanto os empresários riam à toa, contabilizando seus lucros. Jimi Hendrix, Janis Joplin e Jim Morrison, três roqueiros muito badalados à época foram mortos em 1970 por overdose e são lembrados até hoje por terem sido os principais propagadores da tríade sexo, drogas e *rock and roll*. Talentosos, famosos e bem pagos, mas mesmo tempo, irresponsáveis e toxicômanos, levavam seus fãs a praticarem os seus mesmos atos inconsequentes.

Depois de Woodstock, e da rebelde década de 1960, o mundo mudou, e para pior. A rebeldia pouco a pouco foi sendo confundida com as fases da adolescência e da juventude. Na década de 1970, um estilo rebelde aparentemente revestido de inocência se instalou no Brasil. E, na década de 1980, passou a influenciar líderes de jovens cristãos. Desde então, o comportamento dos jovens e adolescentes, do mundo e da igreja, vêm degradando, numa busca constante, ladeira abaixo, pela "liberdade".

Há líderes evangélicos (evangélicos?) que enfatizam muito as promessas, mas não têm ensinado os jovens e adolescentes acerca dos mandamentos, princípios, exemplos, doutrinas e proibições constantes da Palavra de Deus. Só falam em liberdade e promovem todo tipo de divertimento mundano para os jovens, dizendo que, com isso, os mantêm dentro da igreja. Seguem o lema de Woodstock: "É proibido proibir". Que Deus ajude a nossa juventude a se libertar do jugo libertino de Woodstock e tomar sobre si o jugo do Senhor Jesus, que verdadeiramente liberta (Mt. 11.28-30).

O HEAVY METAL E O PUNK

O ano de 1970 foi marcado pelo fim dos Beatles. Em 10 de abril, Paul McCartney anunciou que os garotos de Liverpool seguiriam carreiras separadas. John Lennon não estava mais disposto a dividir sua fama com Paul, George e Ringo. O fim da banda fez dele um astro "imortal". Até então, o *rock* era só Beatles. Com a extinção do grupo, surgiram novos estilos e bandas. E o mundo pós-Beatles foi sacudido pelo *heavy metal*, *rock* feito na base da força bruta das guitarras amplificadas e distorcidas por toneladas de equipamentos.

Nos grandes estádios e arenas, o som explodia os tímpanos e a "cuca" de um público formado por adolescentes. O avanço da tecnologia tornou mais fácil a realização dos concertos de *heavy metal*. No tempo dos Beatles, tudo o que os roqueiros tinham à disposição eram amplificadores de potência equivalente a dos atuais sistemas de som caseiros e alto-falantes limitados. Mas, com o passar do tempo, o *rock* tornou-se um delírio de som pesado, luzes coloridas e efeitos visuais.

A exuberante taxa de decibéis do *heavy metal* tem sido motivo de debates em conferências sobre poluição sonora. Levantou-se a possibilidade desse tipo de música causar surdez, problemas psiquiátricos ou até loucura. Enquanto os críticos debatem as causas negativas desse estilo, os roqueiros continuam tocando cada vez mais alto. Uma das maiores figuras do *heavy metal*, à época, foi Alice Cooper, filho de pastor. Ele sempre utilizou o apelo sexual como recurso para chamar a atenção do público. As bandas mais notórias da década de 1970 foram: Led Zeppelin, Deep Purple, Black Sabbath, Iron Maiden, Kiss, AC/DC e Aerosmith — todas satanistas.

Em 1947, nascia em Michigan, Estados Unidos, James Jewel Osterburg (Iggy Pop). Foi ele quem, na década de 1970, idealizou o movimento *punk*, composto de adolescentes anarquistas apreciadores de *heavy metal*. Na Inglaterra, os *punks* aproveitaram o momento de recessão que o país vivia para por em prática suas raiva e frustração. Com uma aparência agressiva roupas de couro cravejadas de rebites e esfarrapadas, alfinetes pelo corpo, colocados nas orelhas e bochechas, braceletes anéis, cruzes suásticas, tatuagens, bem como cabelos eriçados e tingidos com cores berrantes, eles pregavam contra tudo que era civilizado.

O grupo que mais incentivou o movimento *punk* foi o Sex Pistols. Com uma mensagem sexualizada, em apenas seis meses se tornou a grande figura do *punk-rock*. Uma das músicas do primeiro compacto do grupo dizia: "*Sou um anticristo. Sou um anarquista. Não sei o que quero. Mas sei como chegar lá. Eu quero destruir*". Quando os Pistols se apresentavam, era comum os fãs jogarem objetos ou cuspirem neles. A banda reagia vomitando em pleno palco. Em um show, em Phoenix, ao receber uma garrafada, Sid Vicious, contrabaixista do grupo, quebrou o instrumento na cabeça do agressor. Vicious costumava apresentar-se de peito nu, ostentando o sangue que escorria dos cortes de gilete que fazia no corpo antes de entrar em cena.

No momento de maior sucesso dos Pistols, o *rock* das décadas de 1960 e 1970 parecia ter sido extinto. Os Beatles já não existiam. Elvis Presley estava quase à morte em sua mansão, em Memphis. Mick Jagger era badalado somente nas discotecas. Bob Dylan já não era tão assediado. Na década de 1970, os *punks* passaram a considerar esses roqueiros como traidores. Tocando "*God save the queen*", os Pistols chegaram facilmente aos primeiros lugares nas paradas de sucesso. Essa música ofendia fortemente a realeza de Elizabeth II, e eles começaram a ser perseguidos pela polícia. Mesmo assim, fizeram diversas turnês dentro e fora do país.

Em uma passagem por Dallas, Vicious foi agredido de novo e não pôde reagir. Sua agressora, uma fanática fã, deu-lhe um soco no nariz, gritando: "*I love you, Sid*". Em fevereiro de 1979, os fãs dos Pistols sofreram um grande abalo. Vicious foi encontrado morto por *overdose* de heroína. Nessa época, outro grupo influente, o Pink Floyd, consolou os *punks* com canções agressivas, como "*Another brick in the wall*", invocando a rebeldia e o desinteresse pelos estudos: "*Não precisamos de nenhuma educação. Não precisamos de controle de pensamento. Nenhum sarcasmo obscuro na sala de aula. Professores, deixem os garotos em paz*".

O REGGAE, O RAP E O FUNK

Não é possível mencionar todas as derivações do *rock*, mas alguns gêneros merecem destaque, como o *reggae*, cujos pais foram os *disc-jockeys* jamaicanos da década de 1950. Os idealizadores desse estilo introduziram o *rhythm and blues* em seu país e depois o adaptaram, chamando-o de *reggae* (ritmo caracterizado pela batida deslocada, pelo som mórbido do contrabaixo e pelos estranhos efeitos vocais instrumentais). Os grandes nomes do *reggae* são: Bob Marley e Jimmy Cliff.

Irmão gêmeo do *reggae*, o *rap*, ritmo muito difundido no Brasil, surgiu ainda no final da década de 1970, nos EUA. Esse estilo teve o seu desenvolvimento a partir de um ritmo chamado *disco*, que se servia de harmonias repetitivas em que as letras não tinham a menor importância. Com uma batida dançante bem marcada, o *rap* difundiu-se principalmente entre os negros. Da fusão entre o *reggae* e o *punk* (estilo apreciado pelos brancos) nasceu o *new wave*, no final da mencionada década.

O *funk* também teve origem na década de 1970, nos EUA. Ele resulta de uma mistura de ritmos que faziam sucesso à época, como *blues*, *soul* e *rhythm and blues*. A forma inicial do *funk* estabeleceu um padrão para os músicos posteriores: uma música com ritmo mais lento, erotizante e solto, orientado por frases musicais repetidas e principalmente dançantes. A dança do *funk* é sempre uma espécie de representação do ato sexual.

No começo da década de 1980 o *funk* perdeu sua popularidade, pelo fato das bandas se tornarem mais comerciais, e o som mais eletrônico que acústico-instrumental. Nessa época surgiram ramificações do estilo, como o *hip-hop* e o *break*. No Brasil, o estilo musical (musical?) denominado *funk* foi originado nos morros cariocas e tem como características a batida rápida e os vocais graves, acrescidos de letras eróticas. Também na mencionada década, no Rio de Janeiro, começaram os famigerados bailes *funk*.

A partir de 1990 o *funk* "explodiu" no Brasil, com grande aceitação popular, contribuindo para a erotização precoce dos adolescentes. As letras de *funk* aludem a sexo, traição e poligamia, assuntos que, infelizmente, fascinam o público juvenil. É em razão de interesses comerciais que produtores "evangélicos" têm convencido alguns adoradores-astros a gravarem canções nesse estilo. Uma famosa cantora *gospel*, cujo sucesso transcende mercado evangélico, a qual até entoava alguns hinos com letras bibliocêntricas, introduziu em um trabalho para crianças uma infeliz e malfadada dança do pinguim, no melhor estilo *funk*. Lamentável.

Assim como um hino de louvor a Deus não combina com um baile *funk*, uma canção *em funk* não combina com um culto a Deus. Imagine o que aconteceria, num espaço ocupado por funqueiros, se um cantor entoasse um hino da *Harpa Cristã*, como o famoso número 15: "*Foi na cruz, foi na cruz, onde um dia eu vi meu pecado castigado em Jesus. Foi ali, pela fé, que os olhos abri, e agora me alegro em sua luz!*" Ele seria, no mínimo, vaiado. Mas por que o chamado *funk-gospel*, que só serve para satisfazer a carne, a despeito das pretensas letras cristãs, tem conquistado muitos "adoradores?"

SAMBA, FORRÓ E AXÉ

No meio pentecostal há muitos irmãos que gostam dos chamados corinhos de fogo. Mas a maioria dessas composições "mexe com estrutura" das pessoas muito mais pelo ritmo adotado (samba, forró e axé) do que pelo genuíno fogo do Espírito. O **samba** é um estilo bastante apreciado no Brasil, país conhecido em todo o mundo como a terra do samba. A palavra "samba" é do falar quimbundo, trazido para cá por escravos africanos. Significa "umbigada", pois os dançarinos, ao som do batuque, tocavam-se umbigo com umbigo. Graças a Deus, isso ainda não ocorre no meio evangélico!

O samba se tornou muito popular na primeira metade do século XX, em razão de refletir a índole do povo nas ruas, traduzida pelas composições de músicos talentosos, como Noel Rosa. A partir da década de 1930, dois fatores contribuíram para a difusão nacional desse estilo: a sua aceitação pelo rádio e o carnaval. Atraindo multidões para os desfiles, e sendo cantado pelo povo nas praças e nos salões de baile, o samba logo evoluiu para samba-enredo — próprio para acompanhar e explicar o

desfile das escolas de samba — e samba-canção com orquestração sofisticada e letras que retratavam a história de amores infelizes.

Depois disso, a internacionalização trouxe para o Brasil estilos americanos, e começaram os anos em que se fez por esquecer o samba, exceto durante o carnaval. Em seguida, ritmos nordestinos e experimentais passaram a ocupar o espaço nas rádios e a atenção da juventude. O samba só refloresceria na década de 1990, inovado, assumindo a feição do fim do século sob a forma de pagode, cantado e dançado por conjuntos que rapidamente retomaram a aprovação popular.

O **forró**, por sua vez, popularizou-se como uma dança vulgar, ao som de sanfona, zabumba e triângulo. Esses instrumentos marcam o ritmo para o arrastar de pés, ao estilo da região nordestina. A origem do forró remonta ao século XIX, quando nas casas feitas de barro o chão precisava ser molhado antes da dança para não levantar poeira. A partir de 1920, no sertão pernambucano, começou a ser chamado de **xaxado**, dança coreografada individualmente.

Acredita-se que o termo "forró" advenha do inglês: *for* (para todos). Essa frase era escrita nas portas dos bailes promovidos pelos ingleses, em Pernambuco, quando eles vieram para cá, a fim de construir ferrovias. Caso a placa estivesse lá, era sinal de que todos poderiam entrar na festa. Mas há uma segunda versão para a origem do aludido termo: seria uma forma reduzida do vocábulo africano *forrobodó*, que significaria festa, bagunça. Nesse caso, é um contrassenso nós, que prezamos a ordem e a decência (I Co. 14.40), apreciarmos esse estilo!

O bando de cangaceiros de Lampião teria sido o responsável por levar o forró para vários estados do Nordeste. Sua propagação pelo Sudeste deveu-se aos trabalhadores migrantes, principalmente nas metrópoles do Rio de Janeiro e São Paulo. Entre os maiores divulgadores desse estilo estão Luís Gonzaga, Jackson do Pandeiro, Severino Januário (irmão do primeiro e pioneiro na gravação de disco com sanfona de oito baixos, em 1954), Alceu Valença, Dominginhos e Genival Lacerda. Dependendo da região em que é apreciado, o forró recebe nomes diferentes como baião, xote, coladinho, pé de serra, arrasta-pé, lamba forró, oxentmusic etc.

A partir de 1990, o forró tomou-se ainda mais erotizante. Além da sanfona, zabumba e triângulo, passou a abarcar instrumentos eletrônicos (guitarra, contrabaixo e teclado). À semelhança do funk, porém menos agressivo que esse estilo, o forró apela para a insinuação sexual na dança. É uma pena que muitos evangélicos, mal-orientados, estejam se orgulhando pelo fato de dançarinas vulgares e seminuas rebolarem para um excitado público masculino, ao som do *hit* "Faz um milagre em mim", na versão forró.

Outro estilo em evidência no Brasil, ligado ao erotismo e ao culto aos espíritos, é o **axé**, que surgiu na Bahia, na década de 1980, durante as manifestações populares do carnaval de Salvador. Trata-se de uma mixórdia musical—uma mistura de vários estilos, como forró, frevo, samba, *reggae*, ritmos africanos e caribenhos —, popularizada graças ao trio elétrico, principal atração do carnaval baiano. Os principais propagadores do axé são, desde o seu surgimento: Caetano Veloso, Moraes Moreira, Gilberto Gil, Daniela Mercury, Ivete Sangalo (ex-vocalista da banda Eva) e os grupos Olodum, Cheiro de Amor e Chiclete com Banana.

Muitos adoradores-astros estão fazendo sucesso, ao som do axé baiano. Alguns, inclusive, dizem que se converteram a Cristo, mas não abandonam a vida velha (II Co. 5.17; Cl. 3.1-2). Com certeza, eles não têm como prioridade agradar a Deus. Não sabem eles que o termo "axé" está relacionado à força sagrada dos orixás, que se revigora, no candomblé e na umbanda, com as oferendas dos fiéis e os sacrifícios rituais?

MÚSICA *GOSPEL* E FOGO ESTRANHO

Deixei o *gospel* para o fim, em razão de esse termo, em nossos dias, não designar apenas o estilo adotado pelas igrejas evangélicas dos negros norte-americanos. A palavra *gospel*, em inglês, significa

"evangelho" ou "evangélico". Como ritmo foi oficialmente empregada na década de 1920 por Thomas Dorsey, cantor de *blues* da Georgia, EUA, filho de um pastor batista.

Mas a origem do *gospel* remonta ao final do século XVIII, quando escravos africanos adaptaram hinos religiosos, injetando neles vários elementos de sua tradição musical. No século XIX, esse estilo chegou à terra americana junto com os escravos e passou a ser chamado de *negro spirituals*, um tipo de *blues* sacro. A semelhança entre os ritmos era tão grande que muitos cantores de *blues* da época haviam começado a carreira cantando o *negro spirituals* nas igrejas protestantes.

É importante distinguir entre o *gospel* surgido nos EUA e o *neogospel* brasileiro. O primeiro era um tipo de *blues*, que veio a determinar um dos estilos da música cristã norte-americana, enquanto o *gospel* atual (ou *neogospel*) abarca diversos estilos: *rock*, *funk*, *rap*, *samba*, *farró*, *axé* etc. Hoje, qualquer estilo mundano pode ser considerado *gospel*, desde que contenha letras supostamente cristãs. Esse *miscigenação gospel* atual é um grande negócio. Nos EUA é tão importante no mercado fonográfico que até concorre ao prêmio *Grammy*.

Bem, por que mencionei todos esses estilos? Para enfatizar que, em nossos cultos e congressos — é claro que há exceções —, não tem havido verdadeiro louvor e adoração ao Senhor e sim exibicionismo, técnica, execução de estilos mundanos, artificialismo e agitação para chamar a atenção para a bateria, o baterista, as guitarras e os cantores. E alguns "adoradores", com uma postura de quem deseja demolir o mundo, afirmam que fazem tudo para a glória de Deus. A chamada música *gospel* tocada nas igrejas e nas rádios evangélicas está carregada de agressividade e barulho, e tem pouco ou quase nenhum conteúdo bíblico.

Em Levítico 9.23—10.2, mencionam-se três tipos de fogo. Deus manifestou-se por meio do "fogo da sua glória" (9.24); Nadabe e Abiu, filhos de Arão, trouxeram um "fogo estranho" (10.1) ao santuário; e o Senhor os castigou com o "fogo do seu juízo" (10.2). Que seria esse "fogo estranho?" Falta de reverência? Vasos sujos? Sacerdotes em pecado? Culto simultâneo a deuses estranhos? Incenso estragado? Bem, utilizar estilos musicais impróprios para o louvor a Deus é o mesmo que usar "fogo estranho", algo que o Senhor rejeita, abomina. E é isso que temos visto nesses últimos dias, em que os interesses comerciais, para muitos "adoradores" falam mais alto que a Palavra de Deus (II Co. 2.17).

Renova-nos, Senhor Jesus!

MÚSICA NO CULTO OU CULTO À MÚSICA?

"Que fareis, pois, irmãos? Quando vos ajuntais, cada um de vós tem salmo, tem doutrina, tem revelação, tem língua, tem interpretação. Faça-se tudo para edificação" (I Co. 14.26).

Procurarei responder várias perguntas a respeito da música e do louvor. Mas, antes, reproduzo abaixo, na íntegra, um artigo do saudoso pastor Valdir Nunes Bicego, acerca do assunto tratado neste livro, intitulado: "Música no Culto ou Culto à Música?", o qual foi publicado no *Mensageiro da Paz* de junho de 1994.

"O texto bíblico de Daniel 3.1-15 nos ensina que a "religião de Nabucodonosor" era caracterizada não somente pela adoração à imagem por ele erigida, mas também, e principalmente, pela exagerada utilização dos mais variados instrumentos musicais daquela época, já que induzia as multidões a prestar culto àquele deus pagão. Não havia prédica ou mensagem, mas somente o somido dos instrumentos.

Era a musicolatria, ou seja, a adoração à música. O valor que davam a música era tão grande, que de certo modo superava até mesmo a adoração à imagem.

Pelo texto acima entendemos que somente havia adoração se primeiramente houvesse música. Valorizavam mais a música que sua adoração. Era um culto somente externo, emocional, com sonidos musicais nos seus ouvidos, porém, sem qualquer conteúdo espiritual para alimentação e regozijo de suas almas, que continuavam vazias, desprovidas das realidades e convicções eternas.

Embora milênios tenham-se passado, verificamos hoje, com muita tristeza e sem nos conformarmos que, com poucas exceções, o mesmo espírito que prevalecia naquelas reuniões tem invadido uma parte considerável de nossas igrejas. Em seus cultos a Deus, há preocupação demasiada com o louvor que, praticamente, ocupa quase todo o tempo da reunião, em detrimento das oportunidades para testemunhos das bênçãos recebidas, manifestação dos dons espirituais e tempo suficiente para a exposição da Palavra de Deus, pela qual a fé é gerada nos corações (Rm. 10.17).

Tal atitude tem privado o auditório do mais importante do culto, que é a manifestação do sobrenatural de Deus na reunião. É a "religião de Nabucodonosor" infiltrada disfarçadamente em nosso meio.

Não há dúvidas de que o louvor tem um valor importantíssimo nas reuniões quando é feito na hora e tempo certos. Porém, quando é feito de modo exagerado, prejudica o culto. É muito comum, em algumas igrejas, o louvor tomar quase todo o horário do culto, restando conseqüentemente, pouco espaço para a pregação da Palavra, que, às vezes, nem pregação é, mas somente um preenchimento formal do tempo, com uma palavra sem nenhuma inspiração. Assim, o povo sai das reuniões mal-alimentado espiritualmente, tornando-se, portanto, uma presa fácil para Satanás. Ou então, a Palavra é exposta muito tempo após o início da reunião, quando o povo já está com a mente cansada, sem condições de absorver a mensagem. Quem são os culpados? Os líderes. Eu vejo, entre outras razões, duas pelas quais alguns pastores conduzem ou permitem que o culto seja conduzido desta maneira:

1) Não oraram, nem meditaram na Palavra e, conseqüentemente, não receberam a mensagem para transmitir ao povo (às vezes, não possuem a humildade de reconhecer este fato e conceder a palavra a quem tenha algo de Deus para falar à igreja para sua edificação).

Conforme Mateus 24.25, o obreiro tem a obrigação de buscar a Deus, a fim de receber alimento espiritual para dar ao povo. Quando isso ocorre, ele sente tão grande responsabilidade diante de Deus, que dirige o culto com o seu coração quase "explodindo" ou "fervendo" (Sl. 45.1), mal esperando o momento de entregar o que recebeu do Senhor (ICo. 11.23) e, assim, não abrirá mão do tempo reservado para a Palavra. Aleluia!

2) Perderam a autoridade espiritual, as "rédeas" do culto etc. São influenciados por pessoas, algumas consideradas "ilustres" e, como querem agradar a todos e a alguns, até com receio de perderem sua posição, deixam ou permitem que o culto siga sem o seu objetivo principal, que é o de alcançar as almas perdidas. Procedendo assim, acabam sendo dirigidos e não dirigentes dos cultos. Que tristeza!

Culto racional. *De acordo com ICoríntios 14.26, os nossos cultos devem ter cinco coisas importantes: louvor, mensagem, revelação, língua e interpretação. O louvor, portanto, deve ocupar parte do culto, e não todo o culto. É somente a parte introdutória do culto. Quando Israel caminhava pelo deserto, a tribo de Judá ia à frente, e os músicos atrás (Sl. 68.25).*

"Entrai pelas portas dele com louvor e em seus átrios com hinos" (Sl. 100.4). "Apresentai-vos ao Senhor com canto" (Sl. 100.2). "As tuas portas chamarás louvor" (Is. 60.18). O louvor abre a porta e, uma vez aberta, as demais coisas devem fazer parte do culto.

Como resultado negativo desta ênfase que vem sendo dada ao louvor, podemos mencionar, entre outros:

1) Estamos formando um grande contingente de cantores e músicos e, com poucas exceções, de ganhadores de almas, que é a missão de todos os crentes. A maioria das pessoas envolvidas na área do louvor pensa que seu trabalho na casa do Senhor é somente cantar e tocar; daí a razão de se preocuparem somente com ensaios, programas, festividades etc. Alguns há que, depois de participarem do louvor, retiram-se do recinto do culto, como se já tivessem feito a sua parte na

reunião. Há outros que só estão na igreja porque gostam de cantar e tocar; é provável que, se um dia não houver nada disso, ou estiverem impossibilitados de participar do louvor, venham a se retirar. Alguns obreiros alegam que dão grande ênfase à parte do louvor para "segurar" alguns na igreja, principalmente os jovens, o que é um engano total. O que "segura" uma pessoa na igreja é a comunhão com Deus, o desejo de adorá-lo e de alimentar-se espiritualmente para firmeza na fé e robustecimento do espírito.

2) Como nossa igreja não possui um órgão oficial de censura doutrinária e rítmica para letras e músicas de hinos, estamos observando uma avalanche de músicas profanas recheadas de palavras evangélicas. Algumas destas músicas foram compostas por descrentes, visando paixão carnal por outra pessoa; outras são temas de filmes. Isso sem falar dos ritmos avançados, em nada ficando a dever para o samba, o rock, o baião etc., os quais somente promovem o balanço do corpo, e não o quebrantamento do coração. Influenciados, muitas vezes, por este espírito mundano, alguns hinos são compostos por pessoas sem temor de Deus, alguns até desviados, visando apenas lucro. O mercado musical evangélico de hoje, devido à referida ênfase, tem-se tornado tão grande que supera a muitos outros seculares, o que gera a composição de hinos somente com fins lucrativos, sem preocupações com a qualidade técnica e espiritual dos mesmos.

3) Em alguns lugares, o volume do som para o microfone, play-back e instrumentos musicais é tão alto que chega a ferir os tímpanos. De acordo com especialistas no assunto, o ouvido humano não suporta mais que 80 decibéis. Acima disso, os tímpanos poderão ser afetados para sempre, prejudicando a audição: senhoras gestantes poderão ter seus filhos afetados, sujeitos a nascerem com problemas. Isso sem falar no incômodo que causam à vizinhança da igreja, havendo lugares em que as autoridades necessitam intervir para diminuir o ruído exagerado.

Apelo às lideranças. O louvor, seja através dos cânticos ou da música, é uma bênção na igreja quando inspirado por Deus e executado no momento e tempo certos.

A igreja não pode perder de vista a sua missão principal na terra, que é a de levar almas para Cristo. Às vezes eu me coloco no lugar de um pecador que adentra algumas destas reuniões em que ficam o tempo todo cantando e tocando. Imagino como deve ser difícil para ele suportar quase duas horas de cânticos, alguns sem nenhuma inspiração, outros até com ritmos mundanos, sem ouvir qualquer mensagem de Deus pela Palavra. Ou então, quando ouve, já se gastou tanto tempo com outras coisas que não tem condição de absorvê-la. É bem possível que na hora do apelo ele não se decida e talvez não volte mais para aquela igreja, uma vez que encontrará em muitos lugares do mundo reuniões não muito diferentes das ali promovidas.

Talvez seja esta uma das razões por que a nossa igreja está obtendo hoje uma pequena taxa média de crescimento anual da ordem de 5%, quando em décadas passadas, chegamos a atingir 23%.

Se quisermos atingir um dos objetivos da Década da Colheita, que é ganhar 50 milhões de almas para Cristo até o ano 2000, precisamos crescer 26% ao ano. Por que crescíamos tanto no passado? Uma das razões era o sobrenatural de Deus operando nas reuniões através de testemunhos legítimos, manifestação dos dons espirituais e momento e tempo certo para a exposição da Palavra de Deus.

Não quero que ninguém interprete que sou inimigo de louvores no culto. Não, de modo nenhum. Sou profundo admirador dos louvores, seja por coral, banda, orquestra, conjuntos, hinos avulsos, etc., desde que sejam realizados no momento e no tempo apropriado das reuniões.

Queira Deus que esta mensagem de advertência alcance todos os leitores, principalmente as lideranças de nossas igrejas, a fim de que possamos redirecionar a programação de nossos cultos conforme o texto de 1 Coríntios 14.26, já comentado acima, e, assim, alcançar o nosso objetivo principal, que são as almas para Cristo".

O QUE É A MÚSICA?

O vocábulo latino *música* vem do grego *mousiké* "a arte das musas". Na mitologia grega, há nove musas que patrocinam as ciências e as artes. São filhas de Zeus e de Mnemósine (a memória): Calíope (poesia épica), Clio (história), Euterpe (música), Melpômene (tragédia), Talia (comédia), Urânia (astronomia), Erato (poesia amorosa), Terpsícore (dança) e Polímnia (hinos).

De acordo com os dicionários da Língua Portuguesa, a música é a arte e a técnica de combinar sons de maneira agradável ao ouvido. Agradável, não em relação ao gosto musical, mas aos bons efeitos que causa ao ouvido humano. E, para isso, precisa ser composta de emissões vibratórias com frequências bem definidas, que podem ser captadas pelas limitações fisiológicas do ouvido. Ela é uma ciência, mas também uma arte. Daí o salmista ter dito: "*tocai bem e com júbilo*" (Sl. 33.3). "Tocar bem" diz respeito à parte técnica (ciência), que de maneira nenhuma deve ser deixada de lado; e "tocar com júbilo" refere-se à sua aplicação (com arte).

A música tem recebido vários adjetivos:

Música clássica: escrita por compositores que se caracterizam pelo classicismo; música de acordo com predeterminada forma de arte; música fina; música que não é do gênero popular.

Música sinfônica: consiste em sinfonias ou em peças para grande orquestra.

Música vocal ou harmônica: composta para ser cantada.

Música rítmica: aquela em que os membros dos períodos que a compõem estão ordenados com perfeita simetria.

Música folclórica: anônima, de transmissão oral, antiga, que constitui o patrimônio comum do povo de uma determinada região.

Música pop: música popular, nacional ou estrangeira, voltada principalmente para o público jovem, com temas alegres ou românticos.

Música popular: a que tem larga difusão entre o povo através do rádio, do disco e da televisão e, geralmente, de sucesso efêmero.

Música sertaneja: música originária do interior, típica dos estados da região Centro-Oeste, executada com instrumentos como a viola. Modernamente, usam-se outros instrumentos, até mesmo eletrônicos.

Música profana: a que não se destina ao culto religioso.

Música sacra ou sagrada: composição que tem por assunto orações e ofícios do culto religioso e que ordinariamente se executa nas igrejas.

Há mais de 430 menções à música e ao louvor na Bíblia Sagrada. O livro de Salmos, o maior das Escrituras, com 150 capítulos, é um grande hinário de louvor ao Senhor. O louvor, apesar de não ser a tarefa mais sublime da Igreja na Terra, haja vista a Grande Comissão (At. 1.8; Mc. 16.15; Mt. 28.19), é o único ofício que continuará sendo exercido no céu, pois "*o seu louvor permanece para sempre*" (Sl. 111.10).

A música, em sua essência, teve origem no Criador e é executada diante dEle desde antes da criação (Jó 38.7; Ap. 14.2-3; 15.3; 19.1-7). Os seres angelicais ocupam-se da adoração a Deus por meio da música (Ne 9.6; Sl. 103.20 e 148.2; Lc. 2.13-14; Ap. 5.7-14 e 7.11-12). Na Terra, ela originou-se com Jubal, descendente de Caim (Gn. 4.17-21). De acordo com os Salmos 19.1-3 e 150.6, toda a criação louva a Deus naturalmente, reconhecendo a sua soberania. Aos homens deu o Senhor o livre-arbítrio, a liberdade de escolha (Sl. 51.15 e 57.7), e alguns têm optado por não adorá-lo (Is. 1.3; Rm. 1.21). Mas, como diz o hino 124 da *Harpa Cristã*, que todos juntos o louvemos!

A MÚSICA É NEUTRA OU INOFENSIVA?

No mundo, a música é usada como ferramenta ampla de conhecimento e de transformação do homem. Mas não podemos descartar a possibilidade inversa. Ela pode sim alterar a consciência e levar ao sentimento de êxtase, independentemente da letra de uma composição ser cristã ou mundana. A música, em si, tem poder, e de modo nenhum pode ser considerada neutra ou inofensiva.

A música é capaz de produzir diversas sensações e emoções. Ela nos faz rir, chorar, cantar, dançar, além de exercer influência no intelecto e em muitas áreas. Segundo a musicologia (ciência que estuda a música e seus efeitos), a música pode acelerar ou reduzir os batimentos cardíacos, irritar ou relaxar os nervos, aumentar ou diminuir a pressão arterial, ajudar ou prejudicar a digestão de alimentos etc.

Nos Estados Unidos, alguns psicólogos vêm fazendo experiências a fim de desvendar um mistério: como o cérebro processa a música. Através de técnicas modernas, como a ressonância magnética, constatou-se que o alto nível de ruído pode causar lesões no cérebro. Dificuldades na percepção, na memorização e no pensamento são alguns dos sintomas ocasionados por essas lesões. Por essa razão, os apreciadores de música pesada correm sérios riscos.

Longe de ser apenas uma experiência estética, o exercício da música é também uma experiência fisiológica, biológica, psicológica e mental, com o poder de fazer o ser humano sentir. Tanto que, no sentido positivo, a musicoterapia — como disciplina paramédica — tem o estatuto de colaborar com a saúde física e mental do indivíduo. Ela é um poderoso agente de estimulação motora, sensorial, emocional e intelectual, segundo a psicologia. Nesse caso, como descartar os seus efeitos negativos? É ingenuidade pensar que letras cristãs anulam o poder da música.

De acordo com a musicoterapia, a música, em razão de sua ludicidade, permite que o ouvinte se revele na escuta sem que ele mesmo se dê conta. São três os sistemas que possibilitam a percepção do som: o sistema de *percepção interna*, o sistema *visual* e o sistema *tátil* (ou sensorio-tátil), o mais importante dos três. De modo sintético, pode-se afirmar que os sons entraram no eu não apenas pelo ouvido, mas também pela pele, pelos músculos, ossos e sistema nervoso autônomo.

Não existe música inocente ou neutra! Ela é o resultado da combinação e sucessão de sons simultâneos, de tal forma organizados, que a impressão causada sobre o ouvido, quer seja agradável ou desagradável, e a impressão sobre a inteligência seja compreensível, e que tais impressões tenham o poder de influenciar os recantos ocultos da alma humana e de suas esferas sentimentais, e que essa influência transporte o ouvinte para uma terra de sonhos, de desejos satisfeitos, ou para um pesadelo infernal.

O escritor e musicólogo Mário de Andrade, depois de assistir uma apresentação de danças e melodias do Maracatu do Leão Coroado, declarou: "*[Senti] um mal-estar doloroso, a respiração opressa, o sangue batendo na cabeça com um martelo e uma tontura tão forte que vacilei. Senti a respiração faltar e cairia fatalmente se não me retirasse afobado daquele círculo de Inferno*" (citado em *Da Música, Seus Usos e Recursos*, de Maria de Lourdes Sekeff, Editora Unesp, p. 33).

Portanto, à luz da ciência contemporânea, a música é considerada uma força capaz de exercer ação psicofisiológica. Agindo através de seus elementos constitutivos — *ritmo* (elemento ativo), *melodia* (elemento afetivo) e *harmonia* (elemento intelectual) —, a música tem sempre o poder de nos alcançar, e contra isso somos relativamente indefesos. Ela se constitui verdadeiro objeto material, que ao entrar pelo ouvido, enraíza-se no eu, inserindo-se num esquema afetivo e estimulando atividades corporais.

QUE INSTRUMENTOS MUSICAIS DEVEMOS USAR NO CULTO?

Não há proibições de instrumentos musicais nas Escrituras. O que importa para Deus é quem toca e como toca (ISm. 16.7; IIRs. 3.15-20; SI. 33.3). A Palavra de Deus menciona, inclusive, diversos tipos de instrumentos: de sopro, de percussão etc. (IICr. 15.14; SI. 98.6 e 150.4,5). Apesar disso, é importante que pastores e líderes de louvor tenham bom senso e atentem para o fato de que certos instrumentos

— em razão de estarem intrinsecamente associados a cultos oferecidos a falsos deuses — não combinam com o culto a Deus.

Em Gênesis 4.21, encontramos a primeira referência a instrumentos musicais. O texto menciona a harpa e o órgão. Este, cujo nome em hebraico é *ugab*, diferente do órgão eletrônico conhecido nos tempos modernos, era um tipo de flauta. Por essa razão, as versões atualizadas da Bíblia traduzem o aludido termo hebraico por "flauta". O órgão que conhecemos hoje surgiu somente em meados do século XIV na Europa.

Os egípcios produziram muitos instrumentos, como o trígono, uma harpa de pequeno porte, triangular e com poucas cordas. As gravuras murais levam a crer que foram eles os descobridores do mais natural dos instrumentos humanos: palmas. Mas foi entre os hebreus que surgiram os primeiros instrumentos metálicos, como a trombeta (II Cr. 15.14; Sl. 98.6), a flauta (Sl. 150.4) e o címbalo (Sl. 150.5).

Nas igrejas, os instrumentos mais comuns são a guitarra e o contrabaixo eletrônicos, produtos da evolução do violão e do violino, ambos oriundos da Grécia. Mesmo as igrejas que dispõem de orquestra não dispensam o uso dos instrumentos eletrônicos. Estes, ao lado da bateria, que abarca vários instrumentos de percussão, são os que mais entusiasma a juventude cristã. Os roqueiros foram os idealizadores da trilogia guitarra-contrabaixo-bateria, mas afirmar que todas as músicas acompanhadas por esses instrumentos são diabólicas, ou impróprias para o louvor, é um exagero descomunal e injusto.

Conquanto as Escrituras não apresentem proibições expressas, o uso *exagerado* dos instrumentos eletrônicos e de percussão prejudica o louvor através da música. No louvor a Deus, em um culto, os instrumentos devem ser bem tocados, suavemente, de modo agradável aos ouvidos, sem exageros, sem excesso de volume. O músico cristão deve ter sempre em mente que sua missão é compor e tocar músicas adequadas para o louvor, ou seja, hinos que em nenhum momento desviem a atenção dos servos de Deus das palavras de louvor.

POR QUE DEUS NÃO ACEITA TODOS E QUAISQUER LETRAS E ESTILOS MUSICAIS?

Temos inúmeras razões para louvar ao Senhor com a nossa voz. Primeiro, fomos criados, formados e feitos para a sua glória (Is. 43.7). Segundo, é bom louvá-lo (Sl. 92.1). Terceiro, Ele — e somente Ele — é digno de ser louvado (Sl. 48.1; Ap. 4.11). E mais: Ele habita no meio dos louvores (Sl. 22.3). Por isso, quando de fato louvamos a Deus, sentimos alegria no espírito. Mas estamos mesmo oferecendo ao Senhor, no momento do louvor, palavras e músicas que O agradam? Observe que Deus habita entre os louvores, e não entre os cantores e músicos.

Pronunciar palavras de louvor ao Senhor é algo tão maravilhoso que o salmista fazia isso sete vezes durante o dia (Sl. 119.164). Mas é possível louvar a Deus sem cantar, e cantar sem louvá-lo. O louvor envolve tudo o que há em nós: "*Bendize, o minha alma, ao Senhor, e tudo o que há mim bendiga o seu santo nome*" (Sl. 103.1-2). As palavras de louvor devem nascer em um coração preparado (Sl. 57.7), pois o cântico é apenas um meio de se louvar a Deus (Sl. 69.30), e não o louvor, em si. Louvar a Deus é glorificá-lo, honrá-lo, com tudo o que há em nós: espírito, alma e corpo (ITs. 5.23).

Quando a voz, as palavras e a música são consagrados a Deus, temos um cântico sacro. Nesse caso, para termos a certeza de que os cânticos que entoamos são consagrados a Deus, temos de submeter cada elemento mencionado acima (voz, palavra e música) ao crivo da Palavra de Deus (Fp. 4.8; ICo. 10.31).

Nem todos os estilos podem ser adotados no culto a Deus. Alguns, inclusive, são até hipnóticos — isso em razão da pouca variação rítmica e da repetição de palavras, que criam um estado emocional tal, que a mente deixa de funcionar normalmente. Há experiências sérias sobre hipnose e ritmo, as quais comprovam o quanto certos estilos podem destruir o mecanismo inibitório normal do córtex cerebral, permitindo fácil aceitação da imoralidade e desrespeito de normas morais.

A guitarra rítmica, quando distorcida, confere carga emocional e agressividade à música. A guitarra solo, ao acentuar os sons graves e reforçar os agudos, prolongando-os, gera suspense, tensão e expressividade adequados para levar os ouvintes ao delírio. E a bateria, quando tocada de modo *exagerado*, tira do ouvinte a capacidade de raciocinar normalmente.

Uma pergunta que os apreciadores de músicas pesadas devem fazer a si mesmos é: será que vou encontrar esse estilo musical no céu? Sei que lá não encontraremos uma banda de música da década de 1960 tocando e cantando "Os guerreiros se preparam". Mas tenho certeza de que também não veremos pessoas com cabelos eriçados, braceletes, coturnos, camisetas pretas com estampas, tatuagens e piercing. Tampouco louvaremos a Deus nos estilos *funk* e *heavy metal*.

ESTILOS MUSICAIS DO MUNDO NÃO PODEM SER USADOS PARA O BEM?

Como usar para o bem um estilo cuja melodia está subordinada ao ritmo? Como usar para o louvor um tipo de música feita para ser mais sentida do que ouvida? Não é possível um estilo físico, visceral, que alimenta mais o corpo do que qualquer outra coisa, como o *heavy metal*, ser usado para o bem. Assim como não devemos usar drogas, como cocaína ou maconha, para o bem, também não convém usarmos música má, erotizante, entorpecedora, criada para prejudicar as pessoas, levá-las a delírio (uma espécie de droga audível), para o bem.

Pesquisadores norte-americanos colocaram uma mesma espécie de semente em dois recipientes iguais, com as mesmas condições. Num deles, a planta se desenvolveu muito bem, ao som de música clássica. No outro, ao som de *heavy metal*, não houve o desenvolvimento esperado. Repito: não existe música neutra. Ela é como o alfabeto. Assim como se escrevem mensagens cristãs ou satânicas com as mesmas letras, também se compõem músicas sacras ou demoníacas, com as mesmas notas musicais. Como usar para o bem estilos criados para fins maléficis?

É claro que os jovens, mesmo os cristãos (em sua maioria), gostam de ouvir música pesada e dançante. Daí as gravadoras estarem investindo pesado no *remix*. Infelizmente, elas se valem da infundada desculpa: o importante é que as letras são cristãs. Dizem: "ao puros tudo é puro". Mas Tito 1.15 não deve ser entendido como um princípio geral. Já pensou se um crente considerasse a soberba, a mentira e a prostituição puras, valendo-se da desculpa de que "aos puros tudo é puro"?

Outra desculpa para se usar músicas pesadas é a de que elas são boas para evangelizar. De fato, a música, de maneira geral, é uma ferramenta poderosa para a comunicação do evangelho (Sl. 105.2; IPe. 2.9). Todavia, ao se empregar estilos como *rock*, *funk*, *reggae*, *fórró* etc., a mensagem é comunicada da forma como as pessoas *desejam* ouvi-la, e não da maneira como *precisam* ouvi-la. As músicas pesadas atraem, mas, em razão das suas características, também impedem que a mensagem chegue clara aos ouvidos das pessoas.

O QUE É A MÚSICA SACRA, E QUAL É O ESTILO MUSICAL APROPRIADO PARA O CULTO?

Há três elementos que formam a música: melodia, harmonia e ritmo. A melodia é a sucessão ascendente e descendente de sons a intervalos e alturas variáveis, formando um fraseado. É adornada pela harmonia e acentuada pelo ritmo, embora possa ser compreendida isoladamente. A harmonia, por sua vez, é a combinação de sons simultâneos (emitidos no mesmo instante), tendo como base a tonalidade e como princípio gerador a estrutura do acorde. Já o ritmo é a sucessão regular de tempos fortes e fracos, cuja função é estruturar uma obra musical.

Esses três elementos, intrínsecos na música, relacionam-se com o ser humano. Assim como o ser humano é formado por espírito, alma e corpo, a música é composta de melodia, harmonia e ritmo. Na música sacra, a parte mais valorizada é a melodia, posto que se relaciona com o espírito, a parte mais relevante do tripartido ser humano (ITs. 5.23). A harmonia e o ritmo têm, portanto, relevância secundária em relação à melodia.

Quando a ênfase recai na harmonia ou no ritmo, abafa-se a essência da música sacra. E quem estará sofrendo influência com mais intensidade será o corpo, como acontece com alguns estilos musicais não apropriados para o louvor. Por isso, a despeito do domínio da parte técnica ser imprescindível para um compositor evangélico, exige-se dele requisitos espirituais, a fim de que de fato ele produza músicas sacras, de louvor a Deus. Muitas das aberrações que temos visto hoje, na área do louvor, certamente se devem ao fato de muitos músicos não serem cheios do Espírito (I Co. 14.15; Ef. 5.18-19) nem conhecedores da Palavra de Deus (Cl. 3.16).

A música sacra, portanto, é a boa música, suave, com ênfase na melodia, apropriada para o louvor, a qual se contrapõe à música má, frenética, erotizante, que apenas atende aos anseios humanos. Enquanto a boa música produz efeitos positivos, a má exerce influências negativas, independentemente de suas letras serem cristãs ou mundanas. Quando comparamos as partituras de uma "música cristã" e de uma "música secular" vemos que não há diferenças: as notas são as mesmas. Assim um cristão pode escrever e tocar música má, enquanto um incrédulo pode escrever uma boa música.

Mas é claro que a fonte deve ser levada em consideração (At. 16.17-18). Caso contrário, uma composição feita em um terreiro de candomblé poderia ser cantada normalmente dentro de um templo evangélico, desde que estivesse de acordo com a Bíblia. Poderíamos cantar também as canções de astros da música *pop*, haja vista algumas delas apresentarem até melhor conteúdo do que muitos "hinos". Em I Coríntios 10.21 está escrito: "*Não podeis beber o cálice do Senhor e o cálice dos demônios; não podeis ser participantes da mesa do Senhor e da mesa dos demônios*". Por isso, o ideal é que um músico cheio do Espírito Santo produza uma composição apropriada para o louvor.

As primeiras músicas adotadas pelos cristãos eram calmas e solenes, não permitindo acompanhamento de instrumentos de percussão. Eram músicas primordialmente vocais, e as palavras tinham que ser bem inteligíveis. Nada parecidas, porém, com o canto gregoriano, que só apareceu no século IV. O bispo milanês Ambrósio introduziu aos cânticos cristãos estribilhos vocais que deviam ser cantados em uníssono. No século VI, o papa Gregório organizou o material deixado por Ambrósio e acrescentou outras composições próprias.

Até o ano 313 d.C., os cristãos adotaram os hábitos musicais dos hebreus (salmos e cânticos), mas a partir desse ano o imperador romano Constantino, que se convertera, decretou liberdade de culto, permitindo que muitos costumes fossem introduzidos entre os cristãos. Depois desse decreto, além do surgimento de inúmeras doutrinas falsas — papado, adoração a Maria, veneração aos "santos" —, a música praticada pelos cristãos passou a sofrer muitas influências.

O que tem havido em nosso meio, hoje, é uma verdadeira dessacralização, que é o ato ou o efeito de dessacralizar, de subtrair o caráter sagrado. E sinônimo de profanação. E a Bíblia Sagrada condena os profanos (I Tm. 3.2; Hb. 12.16). No caso da música sacra, significa desprovê-la dos elementos que a tornam apropriada para o louvor. É torná-la vulgar, secular, como qualquer outra, chamando a atenção para os músicos e cantores, e não para o Senhor.

Na Bíblia estão registrados tristes episódios em que a música profana foi executada: a música dos adoradores do bezerro de ouro (Êx. 32.4-25); a música pagã dos filisteus (Jz. 16.23); a música de Israel desviado (Is. 5.12); a música babilônica para adorar a estátua (Dn. 3.5); a música de Belsazar (Dn. 5.4); a música de Herodes (Mc. 6.21-22). Hoje, até a música secular está sendo corrompida. Estilos românticos, sentimentais, artísticos e folclóricos dão lugar a agressivos, frenéticos, lascivos e erotizantes, como o *funk* dos morros cariocas e o *axé* baiano. Essa deturpação diabólica atinge as igrejas, e isso, sem dúvidas, é uma forma de apostasia da fé (I Tm. 4.1).

O gosto pessoal, os estilos que agradam o povo (e não a Deus), os interesses comerciais, a imitação do mundo, não podem "falar mais alto" que a Palavra de Deus. Mas é por causa desses fatores que temos nas igrejas o emprego exagerado de estilos como *fornó*, *samba*, *reggae funk*, *rock* (com todas as suas variações) e vários outros impróprios para o louvor a Deus.

COMO SABER SE DETERMINADO ESTILO MUSICAL É BOM PARA O CULTO?

Não é a Palavra de Deus que deve se aculturar ou se amoldar aos caprichos humanos. O evangelho modifica culturas e costumes. Ele é transformador! Ou será que os índios devem permanecer nus, no meio da selva, com as suas danças, mesmo depois de terem recebido Jesus como Senhor e Salvador? Costumes e cultura são importantes, mas até certo ponto. Devemos dar às pessoas o que elas gostam? Quer dizer, então, que o culto evangélico na África tem de ser igualzinho aos cultos aos deuses pagãos, em razão de respeitarmos a sua cultura? E os muçulmanos que se convertem, como deve ser o culto coletivo deles, silenciosos ao extremo?

Muita gente pensa que não importa o estilo musical empregado no louvor, desde que as letras sejam evangélicas. Na verdade, não são apenas as letras que tornam uma composição apropriada para o louvor. As letras cristãs — se bem que algumas são tidas como cristãs, mas torcem a mensagem do evangelho — não transformam um *heavy metal* ou um *funk* por exemplo, em estilos apropriados para o louvor na casa de Deus. Levemos certos "hinos" para os bailes *funk*, e veremos como os apreciadores desse estilo vibrarão!

Esse argumento de que o louvor de hoje tem de ser mais "avançado" do que o de ontem é relativo e muito perigoso. Não sou contra as boas inovações, porém as más têm de ser rechaçadas. Ou será que devemos ver com naturalidade "hinos" do tipo "Eguinha Pocotó" ou "Créu" dentro das igrejas? Não! Isso é pecaminoso, erotizante, diabólico, ultrajante e deve ser banido da casa de Deus!

Como será o nosso o louvor no céu? Os salvos estarão posicionados diante do Deus Todo-Poderoso, vestido de glória e de majestade! Que tipo de cântico entoaremos lá? Um cântico novo (Ap. 5.9). Mas definitivamente cântico novo não é o que o ser humano acha que é novo, como visual, estilo musical, danças e toda a parafernália dos *shows*. Não podemos concordar com essa enxurrada de secularismo dentro das igrejas, assistida passivamente e autorizada por pastores e ministros de louvor, que já não têm mais a Palavra de Deus como a sua regra de fé, de prática e de vida.

Aconselho os que dizem que não importa o estilo musical, e sim a letra, que estudem melhor o assunto, a fim de descobrirem que a música é polissêmica; tem sentidos plurais. Ela é uma ferramenta valiosa no campo da saúde (musicoterapia) e também no âmbito da educação, uma vez que é dotada de uma dimensão onírica, inconsciente e sexual, o que possibilita acesso ao nosso eu. Sabemos que a música não é marcada pela neutralidade ou pela irracionalidade. Ela, em si mesma, é um discurso orgânico, lúdico, lógico e com sentido.

Como, pois, afirmar que todos os estilos servem para o louvor? Diante de tantos fatos científicos, como cantores, pastores e escritores evangélicos podem continuar abraçando essa falácia de que as letras cristãs neutralizam os efeitos da música? Que Deus levante músicos e líderes de louvor compromissados com a Palavra de Deus e dispostos a usar a boa música, apropriada para o louvor, na casa de Deus. Só assim ficaremos livres dos efeitos de estilos mundanos e até diabólicos, *como funk, heavy metal, axé, forró* entre outros, que aos poucos — em razão das influências do secularismo — vêm invadindo os templos evangélicos.

NÃO CONFUNDA!

Houve momentos, no período do Antigo Testamento, em que o povo de Deus se aproximava do Senhor e o "honrava" com os lábios ou tocando instrumentos, mas tudo não passava de blabláblá, de palavras da boca para fora e barulho, produto de corações distantes do Senhor (Is. 29.13). Os nossos dias não têm sido diferentes e precisamos de profetas como Amós, que bradem: "*Aborreço, desprezo as vossas festas, e as vossas assembleias solenes não me dão nenhum prazer [...] Afasta de mim o estrépito dos teus cânticos; porque não ouvirei as melodias dos teus instrumentos*" (Am. 5.21-23).

Vivemos no tempo da adoração extravagante e dos levitas apaixonados, que confundem adoração com dança, com extravagância etc., numa atrapação descomunal. O binômio

louvor-adoração tem abarcado todo tipo de inovação litúrgica ou manifestação corporal. Os termos adoração, louvor e cântico se intercambiam na Bíblia, mas não podemos confundi-los, tampouco associá-los a *street dance*, danças diversas, música pesada, “ministrações”, cantoria chorosa e interminável ou manifestações bizarras, como rugir, rosar e andar como animais quadrúpedes.

Todo salvo em Cristo deve ser um adorador. E a adoração está ligada à disposição do interior de um autêntico servo de Deus, exteriorizada mediante uma postura reverente, pela qual se reconhece, em humilhação, a grandeza do Todo-Poderoso. À luz da Bíblia, toda e qualquer adoração pressupõe temor do Senhor, veneração, submissão e prostração (II Cr. 20.18; Ne. 8.6; Ap. 4.10). Não existe nas páginas sagradas adoração extravagante. Isso é uma das muitas invenções desses tempos de confusão.

NÃO CONFUNDA ADORAÇÃO COM LOUVOR E CÂNTICO

Muitos irmãos sinceros confundem adoração com louvor. Ainda que os termos, em algumas passagens bíblicas, sejam intercambiáveis, a Palavra de Deus apresenta definições específicas para cada um. O texto de II Crônicas 20 precisa ser estudado pelos adoradores, pois mostra claramente a distinção entre adoração e louvor. Adoração está ligada a nossa postura de humildade e submissão ao Senhor, como servos dEle. Já o louvor está relacionado com a vida e as palavras de glorificação a Deus, emitidas pelos adoradores. A passagem citada também mostra com clareza que a adoração não deve ser confundida com cântico. Todo cantor deve ser, antes, um adorador.

Em Salmos 149.1 vemos que existe distinção entre louvor e cântico. "Louvai ao Senhor" abarca todas as maneiras de louvar a Deus. E "Cantai o seu louvor" diz respeito a uma das formas mais apreciadas pelo povo de Deus de louvá-lo — através da música. O que é o louvor e o cântico? Em que diferem um do outro, e da adoração? Louvar não é apenas cantar; envolve tudo que há em nós (Sl. 103.1-2). E o cântico, composto de voz, música e letra, é uma das maneiras mais atraentes de louvamos ao Senhor.

Considerando as definições de adoração, louvor e cântico, a que conclusões chegamos? Que, sem adoração verdadeira, não existe autêntico louvor — Deus só recebe o louvor dos adoradores. E mais: o cântico que sobe ao céu está casado com o louvor produzido pelos verdadeiros adoradores. Um texto que mostra o intercâmbio dos três elementos em análise é Salmos 108.1: *"Preparado está o meu coração, ó Deus; cantarei e salmodiarei com toda a minha alma"*.

Portanto, o termo "adorador" nada tem a ver com manifestações artísticas, como danças e coreografias, nem com bizarrices como "unção dos quatro seres" e "mover profético". Antes, está relacionado com a disposição interior do servo do Senhor e sua postura resultante dessa "prostração do coração" (Sl. 95.6). Mas a adoração não se restringe a prostrar-se silenciosamente diante do Todo-Poderoso. Num casamento com o louvor, ela envolve o pronunciamento de palavras de exaltação, que também podem ser cantadas, em espírito e em verdade (Jo. 4.23-24).

Para quem é a nossa adoração e o nosso culto de louvor? A quem devemos cantar louvores, bem como tocar bem e com júbilo? Quais são as nossas motivações ao compor ou entoar hinos no templo, destinados ao culto a Deus? Estamos mesmo louvando ao Senhor Jesus, ou as letras de nossas composições nada têm de louvor? Muitos "adoradores" dirigem palavras supostamente a Deus, cantadas ou faladas, sem nenhum louvor, muito menos adoração. Por quê? Porque, ainda que se considerem espirituais, falta-lhes um elemento que está amalgamado com a real espiritualidade: a verdade. E é claro que para nós que somos salvos o termo "verdade" relaciona-se com a Palavra de Deus (Jo. 17.17).

Somente os verdadeiros adoradores — que servem a Deus em espírito (Rm. 1.9) e têm a Palavra escondida em seus corações (Sl. 119.11) — podem produzir adoração e louvor autênticos. Por isso, em Efésios 5.18-19 e Colossenses 3.16, vemos que ser cheio do Espírito e ter o coração igualmente cheio da Palavra de Cristo são pré-requisitos para quem adora, louva e canta louvores ao Senhor.

No livro de Salmos, principal referencial das Escrituras sobre música e louvor, os salmistas, grosso modo, em suas composições, dirigem palavras de louvor ou oração diretamente a Deus (3.7; 6.1; 7.1; 9.1; 30.1); falam de si mesmos, mas em relação à grandeza do Senhor (18.2; 23.1; 42.1; 73.2,23; 103.1; 104.1); mencionam a magnificência do Criador (19.1; 24.1); estimulam todos a louvarem ao Senhor (95.1; 107.1; 112.1; 113.1); e mencionam as bem-aventuranças que existem para o justo, em contraste com o ímpio (1.1-2; 36.1). Por tudo isso, o livro de Salmos deve ser lido e estudado por todos os compositores da atualidade.

NÃO CONFUNDA ADORAÇÃO COM SHOW E MUNDANISMO

Nesses tempos de confusão, não temos feito mais distinção entre shows e cultos de adoração, como fazíamos antes. Estamos contentes com a secularização. Não nos importamos mais em ouvir os nossos jovens gritando os nomes de seus adoradores-astros: "Fulano, cadê você? Eu vim aqui só pra te ver". Também não nos incomodamos com a grande quantidade de fotos que são tiradas durante o culto (culto?) a Deus (a Deus?).

O chamado "período de louvor", muitas vezes, é um verdadeiro festival de cantoria e dança e ocupa praticamente o tempo todo das nossas reuniões. Em geral, o culto começa com um momento de louvor. Depois, em alguns lugares, cânticos do hinário, entoados sem muito entusiasmo. Em seguida, participação efusiva dos grupos musicais, dos cantores, como se fosse um show de calouros, em que cada um apresenta o seu número. Quanto tempo é dedicado à exposição da Palavra? Depois de todos cantarem; depois das coreografias; depois das peças teatrais... Bem, o tempo que sobrar — se é que sobra algum tempo — é para a pregação!

Nossos cultos têm se transformado em meros ajuntamentos para gritar, pular, dançar, assobiar, fazer "trenzinho", cantar, cantar e cantar. Estamos conformados com tudo isso. Não queremos parecer desamorosos aos jovens e permitimos que eles façam tudo o que desejam! Mas a Palavra de Deus é clara quanto a isso: *"Foge, também, dos desejos da mocidade"* (II Tm. 2.22). Adorar a Deus não é dar vazão aos nossos sentimentos nem satisfazer os desejos da "moçada", e sim priorizar a vontade de Deus (Lc. 9.23; Rm. 12.1-2).

É por causa da priorização dos "desejos da mocidade", que em nossas reuniões tem havido pouco ou quase nenhum espaço para a exposição da Palavra do Senhor. Muitos cantam "Dá vontade de pular, de dançar", mas não têm vontade de ouvir a Palavra de Deus! E a pregação, quando ocorre, é uma rápida palestra motivacional, voltada para o bem-estar dos espectadores, e não uma exposição da sã doutrina. Tudo é feito a fim de agradar e entreter a "galera". Os nossos jovens precisam ser ensinados a apreciar a exposição da Palavra. Mas como isso acontecerá, se continuarmos priorizando os "desejos da mocidade?"

NÃO CONFUNDA ADORAÇÃO COM EXTRAVAGÂNCIA

O termo "extravagância" significa: "esquisitice", "estroinice", "dissipação", "libertinagem". E, nesse caso, o adjetivo "extravagante" não pode combinar com a adoração, haja vista o que dizem estes textos sagrados: II Crônicas 20, Eclesiastes 5.1, Efésios 5.18-19, Colossenses 3.16, Amós 5.23, Isaías 29.13; João 4.23-24, Salmos 57.5 e Neemias 8. Veja o que diz o versículo 6 da última passagem citada: *"E Esdras louvou ao Senhor o grande Deus; e todo o povo respondeu: Amém! Amém! — levantando as mãos; e inclinaram-se e adoraram o Senhor, com o rosto em terra"*.

Não existe adoração extravagante, pois adoração pressupõe reverência. Por isso, o adjetivo "extravagante" tem sido usado erroneamente para definir adoração espiritual, sem amarras, livre, que permite todos os estilos musicais, danças, coreografias, gritos frenéticos, assobios etc., desde que o coração dos cantores, músicos e dançarinos estejam voltados para Deus. De acordo com Robert L. Brandt, em sua obra *Teologia Bíblica da Oração* (CPAD, p. 22), a palavra "adoração" denota

"reverência", "temor do Senhor" e "veneração". Trata-se de uma demonstração de grande amor, devoção e respeito; implica homenagear a Deus. A adoração estabelece o tom para o louvor, fazendo aquele que está cantando fixar o pensamento na pessoa a quem se dirige e considerar os seus atributos e interesses.

Há como "casar" adoração e extravagância? Claro que não! Não quero dizer com isso que todos os apreciadores dessa modalidade de "adoração" são carnavais. Mas estão equivocados. Ou será que comportar-se como um animador de carnaval, em cima de trios elétricos, divertindo a "moçada", é agir de acordo com a Palavra de Deus? Jesus disse que a verdadeira adoração deve ser "em espírito" (Jo. 4.23-24). Ela não é, em essência, uma manifestação do corpo, e sim do coração (Ef. 5.19; Cl. 3.16). O que agrada a Deus, antes de tudo, é o espírito quebrantado, e não as manifestações sonoras ou gestuais (Sl. 57.7).

Segundo a Bíblia, Deus é exaltado por meio de expressões verbais, louvor e cântico, e não mediante danças e gestos. O cântico, ao contrário da dança, é atemporal, não restrito a povos e culturas (Cl. 3.16; Ef. 5.19). Mas muitos "adoradores" pensam que o evangelho se submete à cultura dos povos. Que engano! Pensam eles, erroneamente, que o africano tem de tocar tambores na casa de Deus e que o brasileiro tem de sambar diante do Senhor... É o evangelho de Cristo que influencia e muda hábitos culturais, e não o inverso. *"Assim que, se alguém está em Cristo, nova criatura é: as coisas velhas já passaram; eis que tudo se fez novo"* (II Co. 5.17).

Fundamentalmente, não há nenhuma passagem nas páginas veterotestamentárias, e também do Novo Testamento que abone, verdadeiramente, a "adoração extravagante". Mas I Coríntios 6.20 é um texto muito usado pelos adoradores extravagantes. Mas veja o que diz a Palavra de Deus, em seu texto: *"Fugi da prostituição. Todo o pecado que o homem comete é fora do corpo; mas o que se prostitui peca contra o seu próprio corpo. Ou não sabeis que o nosso corpo é o templo do Espírito Santo, que habita em vós, proveniente de Deus, e que não sois de vós mesmos? Porque fostes comprados por bom preço; glorificai, pois, a Deus no vosso corpo e no vosso espírito, os quais pertencem a Deus"* (vv. 18-20).

O que é glorificar a Deus no corpo? Significa não pecar contra Deus por meio do corpo! Somos o templo do Espírito, pertencemos ao Senhor, e o nosso corpo nunca deve ser profanado por qualquer impureza ou mal, proveniente da imoralidade nos pensamentos, desejos, atos, imagens, literaturas (II Tm. 2.22; I Jo. 2.14-17; Sl. 101.3). O texto em apreço, por conseguinte, não é uma "carta branca" para dançar ou empregar qualquer expressão corporal para glorificar a Deus.

Que Deus abra os olhos dos muitos "adoradores", os quais se deixam levar pelo secularismo, pelos clamores do povo e por interesses dos outros. Que eles reflitam melhor à luz da Palavra e cumpram a vontade do Senhor (Sl. 119.105; Mt. 7.21-23). E que façamos valer a oração-modelo deixada pelo Senhor Jesus: *"Seja feita a tua vontade, tanto na terra como no céu"* (Mt. 6.10).

NÃO CONFUNDA ADORAÇÃO COM DANÇA

Os mandamentos contidos em Salmos 149.3 e 150.4, ao lado dos episódios envolvendo o extravasamento de alegria espontâneo de Miriã e Davi, mediante manifestações corporais, têm sido citados com frequência pelos defensores de todo tipo de dança mundana — até o *street dance* — dentro das igrejas. É claro que os Salmos não oferecem fundamentação segura quanto ao que chamam hoje de "adoração com dança". Por quê? Porque os seus destinatários originais são os israelitas, e não a Igreja.

Digamos que os tais mandamentos dos Salmos citados sejam para os cristãos. Como deveríamos interpretá-los? Para muitos "adoradores" eles significam: "Louvem o seu nome com *street dance*" e "Louvai-o com o adufe e o xaxado". Outros preferem: "Louvem o seu nome com coreografias" e "Louvai-o com o adufe e o *heavy metal*". Agem como se a Bíblia pudesse ser manipulada a bel-prazer, a fim de satisfazer as nossas preferências. Que engano!

Não há dúvidas de que os israelitas se alegravam através da dança (Ec. 3.4; Lm. 5.15). Quando o povo de Israel atravessou milagrosamente pelo meio do Mar Vermelho, houve extravasamento de alegria mediante danças (Êx. 15.20). A filha de Jefté, sabendo da vitória que Deus concedera a seu pai, recebeu-o com adufes e danças (Jz. 11.34). E Davi ficou tão alegre com o retorno da arca do Senhor que também dançou (II Sm. 6.14).

Mas como Davi dançou? Valeu-se ele das danças pagãs ou manifestações corporais usadas pelos ímpios do seu tempo? É claro que não! Veja o que ele disse, em Salmos 9.2: *"Em ti me alegrarei e saltarei de prazer, cantarei louvores ao teu nome, ó Altíssimo"*. Isso que Davi disse se aplica a nós hoje, a despeito de não sermos israelitas e daquele tempo. Podemos, em momentos de extrema alegria, saltar de prazer na presença de Deus. Mas há uma diferença muito grande entre extravasar a alegria interior saltando e dançar freneticamente ao som de funk, axé, samba, forró, etc., não é mesmo?

Fala-se muito de Miriã e das mulheres que saíram atrás dela com tamboris e com danças (Êx. 15.20-22). Mas as danças que vemos em nosso meio, hoje, estão mais para as que se mencionam em Êxodo 32.19-20: *"E aconteceu que, chegando ele ao arraial e vendo o bezerro e as danças, acendeu-se o furor de Moisés, e arremessou as tábuas das suas mãos, e quebrou-as ao pé do monte, e tomou o bezerro que tinham feito, e queimou-o no fogo, moendo-o até que se tornou em pó; e o espargiu sobre as águas e deu-o a beber aos filhos de Israel"*.

Miriã, Davi e outros saltaram num momento de extrema felicidade. É plenamente compreensível o fato de uma pessoa dançar (do grego *orcheō*, *saltar com regularidade de movimento*) de alegria, como aconteceu com o ex-coxo que ficava à entrada do Templo, em Jerusalém (At. 3.8). Entretanto, movimentar-se num momento de grande felicidade não equivale, em hipótese alguma, a dançar sob ritmos eletrizantes. Em todo o Antigo Testamento, não há menção à dança acompanhada de música dentro do Templo.

Não há como negar que Davi dançou ao recuperar a arca do Senhor (II Sm 6.16). Mas precisamos responder a algumas perguntas. Primeira: Como ele dançou? Já vimos que a sua dança nada tem a ver com o que vemos hoje dentro das igrejas. Segunda: A dança de Davi é suficiente para abonar todos os tipos de danças mundanas, inclusive as erotizantes? Terceira: O fato de Davi ter dançado, isoladamente, fornece-nos suficiente base para criarmos o ministério da dança? Quarta: O primeiro rei de Israel apoiava esse pretensão ministério?

Sabemos que há diversidade de ministérios (ICo. 12.5), porém não nos esqueçamos de que isso alude à maneira multiforme do Espírito Santo atuar. Essa menção de modo algum apoia todo e qualquer ministério inventado por pessoas que querem fazer prevalecer as suas preferências pessoais. A despeito da Bíblia não apoiar o chamado ministério da dança, existem grupos chamados de ministérios de dança e coreografia nas igrejas, formados por pessoas sinceras. Mas repito: não há no Novo Testamento nenhuma passagem que apoie a introdução da dança no culto público e coletivo. Isso é uma influência do secularismo (Rm. 12.1-2; IJo. 2.15-17; Tg. 4.4).

As danças de Miriã e Davi foram parte da comemoração de uma vitória, e não como parte integrante de um culto litúrgico, tanto que Davi depois ofereceu um culto a Deus sem dança. Embora Deus não tenha rejeitado aqueles gestos e manifestações pessoais, isso não é uma justificativa para se introduzir na casa de Deus, ou no culto ao Senhor (independentemente do local), todos os tipos de manifestações corporais do mundo, como coreografias, balé, *shows* de *rap*, *street dance* e bailes como parte da liturgia. Além disso, aquelas danças isoladas não respaldam as chamadas "baladas *gospel*" e outros modismos da atualidade.

Davi e Asafe organizaram o ministério do louvor apenas com músicos e cantores (ICr. 25.1-7). A despeito de terem sido eles os principais artífices da organização primitiva da música cultural, não chamaram para exercer esse importante ofício os dançarinos e os coreógrafos. Se Davi, de fato, era um apoiador da dança, como uma forma de louvor a Deus, por que não a introduziu no culto a Deus, no Templo?

Se o Senhor gosta tanto da "nossa dança", por que Davi, um homem segundo o coração de Deus (que inclusive dançou do lado de fora do Templo), não a incluiu na liturgia dos israelitas? Por que ele e Asafe não acrescentaram danças e coreografias ao culto veterotestamentário? Ora, quem examina as Escrituras, à luz dos contextos histórico, cultural e literário, sabe que a dança de Davi foi um ato único, pessoal, fora do Templo, isolado, e não litúrgico, exemplar, inaugural ou profético, como pensam muitos "adoradores".

Mesmo que Davi tivesse introduzido a dança no culto dos tempos veterotestamentários — o que não aconteceu, como vimos —, precisaríamos de suficiente fundamentação no Novo Testamento para termos a certeza de que o Senhor se agrada de toda e qualquer coreografia, de *street dance*, de baile *gospel* etc. Mas não há nas páginas neotestamentárias abono à dança como forma de louvor a Deus (Rm. 15.11; Hb. 13.15; Tg. 5.13). João não viu nenhuma forma de louvor com dança no céu (Ap. 4—5), a menos que algum "adorador" queira chamar de coreografia a adoração dos 24 anciãos que se prostraram diante do Senhor!

Na verdade, a dança "evangélica", que começou, em algumas igrejas, como uma coreografia simples, executada ao som de hinos melódicos, ficou mais complexa, até evoluir para apresentações de balé e shows de *hip-hop*. Hoje não há mais limites! Já temos o erotizante *funk* dentro de algumas igrejas, além de coreografias quase idênticas — sem exageros — às performances dos dançarinos da Madonna, da Britney Spears e da Beyoncé.

Aliás, está fazendo muito sucesso em nosso meio um cantor que imita com perfeição as danças de Michael Jackson. O tal "adorador" executa até o *moonwalk*, passo que é uma marca registrada do finado rei do *pop*, o qual consiste em deslizar suavemente com pés para trás. Isso ilustra, de certa forma, o que está acontecendo com os "adoradores" que não fazem a vontade de Deus: estão cometendo vários deslizes e retrocedendo espiritualmente.

NÃO CONFUNDA ADORAÇÃO COM MÚSICA

O evangelho-show, essencialmente comercial e também voltado para as preferências humanas, faz com que tenhamos uma ideia distorcida da adoração. Hoje a nossa "adoração" é extramente musical, o que é um desvio. Afinal, a adoração precede o louvor, o cântico e a utilização de instrumentos. Não é preciso cantar e tocar para ser um adorador.

Infelizmente, é uma tendência da igreja de hoje inverter as prioridades. De acordo com ITessalonicenses 5.23, Deus nos santifica a partir do espírito, mas muitos ignoram isso. É como se o versículo dissesse: "corpo, alma e espírito". Priorizam a música — principalmente a música ritmada — porque ela "mexe com a estrutura", balança o corpo, além de satisfazer a alma, que é a sede dos nossos sentimentos e vontades.

Precisamos aprender a priorizar a parte espiritual, a fim de que não sejamos insensatos. Aos crentes da Galácia disse o apóstolo Paulo: "*Sois vós tão insensatos que, tendo começado pelo Espírito, acabeis agora pela carne?*" (Gl. 3.3). Hoje, nas igrejas, os músicos só se preocupam em tocar os seus instrumentos! Mas não sabem que, como verdadeiros adoradores, precisam andar como Jesus andou (IJo 2.6) e aprender a valorizar a Palavra do Senhor.

Boa parte dos músicos, em nossos dias, não desgruda um minuto dos seus instrumentos. É uma verdadeira idolatria! Tocam antes da exposição da Palavra, continuam dedilhando a guitarra durante a pregação — como se não precisassem ouvir a Palavra de Deus! — tocam no momento da conclusão da mensagem e, quando o pregador começa a orar, eles não oram. Continuam tocando, em vez de buscarem ao Senhor, e cada vez mais alto, como que querendo abafar a oração.